



REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira

EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalga, 154 —
Redacção e administração — Calçada do Combro, 30-A, 2.º —
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Tolhosa — Lisboa — Telefun: 17

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Os agitadores profissionais

Mais uma vez surgiu a superfície a cantada questão dos *meneurs*, dos agitadores profissionais. Agora foi, como já em outras ocasiões, no Parlamento e pela boca do sr. presidente do ministério, que o caso surgiu.

Vou-lhe a dizer-se que a responsabilidade de todos estes movimentos, de todas estas lutas, de todas estas perturbações sociais, cabe quasi inteiramente aos *meneurs*, aos agitadores da profissão. Não nos disse, porém, não disse a ninguém o sr. presidente do ministério, nem mesmo a quem o interrompeu com palavras, quem são esses *meneurs*, quais são os agitadores profissionais, esses responsáveis por tantas lutas, tantos movimentos, tantas perturbações, e onde se encontram, onde vivem, eles que assim sempre vão ficando impunes, misteriosamente...

Não nos disse nada disto. Mas nós vamos diz-lo ajudando assim o sr. presidente do ministério na defesa da sua tese — que, afinal, é uma tese como qualquer outra.

É tudo obra dos *meneurs*, dos agitadores profissionais? É possível. Admitamos-lo mesmo como certo, como positivo. São os agitadores profissionais os responsáveis pelo mal estar, pelas perturbações que notamos na sociedade portuguesa. Vamos, pois, a ver, quais são eles, onde se encontram, para que o sr. presidente do ministério, para que o governo, ou os governos que se lhe seguem e que queiram garantir isso em que tanto falam — a *Ordem* — possam punir, querendo, os responsáveis e moralizar as condições sociais por forma a que outros *meneurs* não surjam a substituí-los.

Não nos agrada o papel de delatores mas, como não queremos ter a menor solidariedade com *tal gente*, não temos dúvida em dar indicações úteis para a tranquilidade colectiva, para bem de todos. Quem quiser que faça o resto. Quem quiser e a quem competir.

Os agitadores profissionais são, por exemplo, os proprietários, os industriais e comerciantes que se preocupam com as suas *burras*, com o seu egoísmo — adversários dos mais legítimos interesses colectivos — e que, por via disso, provocam consciente e criminosamente a escassez ou falta dos produtos — o que tem levado as multidões a exaltarem-se, o que tem levado os desperdícios aos assaltos, o que tem originado, por vezes, as greves para aumentos de salário, aumentos que só

NOTAS & COMENTÁRIOS

Pobres industriais!

Apareceu outro dia na sala dos Passos Perdidos, que é como quem diz a ante-câmara do Parlamento, um industrial de marcenaria com a cabeça entapada dizendo-se vítima duma agressão dos operários em greve. Em volta do ferido, um grupo de oficiais e jovens pais da Pátria exploravam habilmente com o caso, falando dos bárbaros instintos dos grevistas que espancam brutalmente os pobres industriais, vítimas da sua sanha. E um dos deputados comentava indignado:

— Não se ter apanhado um desses malandros!...

No entanto, toda a gente sabe que foram ainda há pouco assassinados em Vila Nova de Gaia dois operários tanoeiros que cometeram o crime de matar o seu camarada de determinada oficina a aderir à greve. Ninguém ignora também quem foram os assassinos. E todavia estes continuam por aí soltos sem que o seu crime tenha provocado na alma sensível dos ilustres deputados governamentais a mais leve sombra de protesto. É que um agrão industrial tem para esta gente muito mais importância que a vida de dois chefes de família operários...

Direitos e deveres

Falamos alguns direitos e deveres com o intuito de impôr-nos a carilha própria. Direitos!... Está bem. Mas é preciso que tenhamos nós, as classes sofridas, possibilidades de usar deles. Direitos de sobre-temo-los consignados na lei e admitidos na moral vigente. E vai a gente a querer usar dum desses direitos e logo esbarra manietado. Direitos!... Os que nos ficam são o de ser pobre e passar fome, e trabalhar uma existência inteira até que as provações nos arrebetem, ao canto dum portal — ou da cadeia, se a voz se nos erguer no estor da vida, a protestar contra a pressão burguesa esmagadora. Os nossos direitos!... Quando um dia atentarmos na vacuidade das leis que os consignam, verificando então que os deveres por nós hoje cumpridos não têm neles compensação equitativa, então lhes cantaremos, aos que inda se montam no abalado trono da dominação capitalista.

Burrice no caso

Pequeno trecho da editorial da *Imprensa* de ontem, órgão do bloco jornalístico, onde colabora a nata dos prosélitos indígenas:

«A medida que o ambiente se vai aclarando, delatam-se os contornos das noções...»

Quem estas linhas escreve aprecia miculiosamente as opiniões de *A Imprensa*. Se bem que delas não se arrequece.

A guerra Vermelha

Em socorro dos comunistas

BASILEIA, 13. — Dizem de Budapest: — Tschirner acaba de enviar um rádio a Bela Kun, no qual diz o seguinte: — «Considerando que os nossos concidadãos são desprovidos em quasi todos os países, onde não lhe é dispensada a mínima protecção, acabamos de colocar nas mesmas condições os estrangeiros residentes na Rússia, aos quais negaremos doravante a nossa defesa. Só estabelecemos excepção para os irlandeses, para os subditos egípcios e para os outros cidadãos de nacionalidades oprimidas pela Entente».

O falista francês Delahaye tinha razão de exclamar: — «Mas que lhes censurais vós então? O rodear-se de oficiais tsaristas? Há porventura outros?» Não há dúvida. É o caso de Napoleão III. É o caso do nosso Sidónio, guardadas as proporções.

E como é que o sidónio siberiano, o aventureiro Koltchak, se apossou do poder em Omsk, na Sibéria?

Alguns membros da Constituinte dissolvida pelos bolcheviques tinham constituído em Ufa uma espécie de Directório ou «Governo Parussko», presidido por Avksentiey e composto, em partes iguais, de liberais (cadetes) e de social-revolucionários moderados. Era um governo a fingir, sem apoio material nem moral, e por isso um belo dia, após um acordo entre os cadetes do governo e o almirante Koltchak, um reduzido grupo de oficiais deu um golpe de Estado, prendendo a fração social-revolucionária do gabinete.

Foi isto em 18 de Novembro de 1918. No dia seguinte, o almirante Koltchak era nomeado «Supremo Governador». A esta ditadura tentaram desde logo os deputados da Constituinte contrapor uma «Junta dos Sete», mas foram cercados e encarcerados pelos oficiais. Muitos só deveram a vida à intervenção dos representantes aliados, que entre tanto não tiveram alguns deles do fuzilamento... clandestino.

O regime do terror branco irritou desde começo as populações, mas todas as revoltas (três entre Novembro e Janeiro) foram esmagadas com crueldade inaudita. Foi esta dura lição que fez arrependem os socialistas moderados da sua política passada, afirmando os na sua maioria para a insurreição aberta e para a aliança com os bolcheviques.

O domínio de Koltchak na Sibéria nunca foi aliás, muito seguro nem muito extenso. Nas vastas regiões siberianas, mantem-se governos e influências de todos os felizes e cores, ora aliados ora rivais. Há territórios sob o domínio de Semenov, outros sob os dos japoneses, que aproveitam lindamente a situação; outros sob os dos checoslovacos (no Ural), e até functiona ainda, em pontos da Sibéria, alguns pontos do Exército Branco, continuando progredindo no sector do governo de Khorvat. Por outro lado, Slavianik, na direcção de Bantchevka,

Boicote a "O Século"

Após o belo movimento de solidariedade que acaba de ser levado a efeito pelos trabalhadores conscientes, mais uma vez, entre tantos centenares de mil do proletariado recebem uma desilusão acerca das *ideias liberais* da imprensa burguesa. E agora o caso para ser devidamente apreciado o procedimento dessa imprensa, que cobardemente tantas vezes se tem acoborcado ante os infames ataques dos governos.

Mais uma vez se nos oferece ensejo para destacarmos de entre os poltrões, os empresários de *O Século*.

A atitude do resto da imprensa foi sem dúvida, vergonhosa; mas a daquele jornal foi vil, como vil vem sendo de há tempo a esta parte, a campanha que faz contra as classes trabalhadoras, do alto da sua omnipotência.

Há anos, *O Século*, em virtude duma guerra política que lhe moveu um outro jornal, de processos não menos repugnantes que os dele, viu-se em situação bem crítica, porque lhe escasseavam extraordinariamente os leitores; e se quer levantar cabeça, teve de deixar mãos de processo de *olho vivo*, dos celeberrimos concursos. Só dessa forma, e humilhando-se perante os que o atacavam, voltou *O Século* a ser qualquer coisa.

Porque não há de agora, os trabalhadores, escurraçar por completo dos seus lares esse paquim, mas escurraçar de vez, tanto mais que já tem uma imprensa diária nossa, *A Batalha*, *O Combate* e o *Avante*?

É necessário intensificar esta campanha contra o *menidoro*. Não devemos só preconizar a boicote às mistelas de Alfredo da Silva; é igualmente necessário boicotar os jornais burgueses que ao gesto mais activo que até hoje tem feito a enorme legião dos que trabalham, responde com uma manifestação da sua falida mentalidade, depois de tão espelhados serem sido por aqueles que nos tem governado. É preciso que os trabalhadores se emancipem da autocracia burguesa, e um grande passo nesse sentido é boicotar essa imprensa, em especial o canalizo *Século*.

Que em todas as oficinas, em toda a parte onde o trabalho esteja representado, seja feita a mais acérrima campanha contra os jornais burgueses, incitando os operários a que não os comprem, principalmente *O Século*.

A. R.

Um caso revoltante

O Estado intercepta telegramas a A BATALHA

Vários camaradas tem vindo à nossa redacção inquirir porque *A Batalha* não publicou telegramas de saudação por grupos de operários enviados. A princípio, ainda atribuímos o caso a qualquer deficiência dos serviços telegráficos, mas como os reclamantes continuassem surgindo de todos os lados, fomos obrigados a chegar à conclusão de que qualquer entidade oficial tem impedido que tais saudações cheguem às nossas mãos.

Contra o caso protestamos energicamente, tanto mais que é claro indicio de que as autoridades secundam a torpe e jesuitica campanha de morte que na sombra se move contra *A Batalha*.

Até agora temos conhecimento dos seguintes telegramas: do pessoal do Asilo de Mendicidade, dos operários da Construção Civil da Tutoria Central da Infância, dos operários do Quartel de Engenharia e dois telegramas das camaradas presas no Quartel de Marinheiros.

Saudações a "Batalha"

A Federação do Livro e do Jornal acusa-nos a recepção do seguinte telegrama:

EVORA, 22. — Os gráficos de Evora, reunidos em assembleia geral, saudam os camaradas dos quadros dos jornais diários e o jornal *A Batalha*, protestando contra todas as violências e o encerramento da União Operária Nacional. — Gráficos.

BRAGA, 22. — Pelo reaparecimento de *A Batalha*, as minhas sinceras felicitações. João Faneiros.

A paz de violência

BASILEIA, 21. — A *Gazeta de Frankfurt* recebeu de Weimar um telegrama, em que se diz ter Dornburg declarado que é impossível assinar o tratado sem que o texto seja modificado. Os gráficos de Wurttemberg, Bade e Hesse são de opinião que se deve assinar. A Baviera nada disse ainda sobre a sua atitude. Os Estados do sul influíram muito na demissão do governo de Scheidemann. — H.

O Sidónio siberiano

Vida e milagres dum ditador

Um reconhecimento encravado

Embora de novo se tenha feito o silêncio sobre o famoso Koltchak, ditador siberiano, convém fazer a história edificante da sua vida e milagres.

Os chefes da contra-revolução russa, mantidos em torno do foco revolucionário graças aos subsídios do capitalismo internacional, são tipos perfeitos à altura das circunstâncias.

Dénikin e Koltchak rodeiam-se de oficiais tsaristas, que não ocultam os seus sentimentos e esperanças, e o hino do tsar é corrente entre eles. Os oficiais franceses que visitaram Dénikin tiveram que protestar contra essa e outras manifestações pró velho regime, e num banquete dado por Koltchak, viu-se um representante norte-americano obrigado a retirar-se ante a insistência com que o hino tsarista era tocado.

O falista francês Delahaye tinha razão de exclamar: — «Mas que lhes censurais vós então? O rodear-se de oficiais tsaristas? Há porventura outros?» Não há dúvida. É o caso de Napoleão III. É o caso do nosso Sidónio, guardadas as proporções.

E como é que o sidónio siberiano, o aventureiro Koltchak, se apossou do poder em Omsk, na Sibéria?

Alguns membros da Constituinte dissolvida pelos bolcheviques tinham constituído em Ufa uma espécie de Directório ou «Governo Parussko», presidido por Avksentiey e composto, em partes iguais, de liberais (cadetes) e de social-revolucionários moderados. Era um governo a fingir, sem apoio material nem moral, e por isso um belo dia, após um acordo entre os cadetes do governo e o almirante Koltchak, um reduzido grupo de oficiais deu um golpe de Estado, prendendo a fração social-revolucionária do gabinete.

Foi isto em 18 de Novembro de 1918. No dia seguinte, o almirante Koltchak era nomeado «Supremo Governador». A esta ditadura tentaram desde logo os deputados da Constituinte contrapor uma «Junta dos Sete», mas foram cercados e encarcerados pelos oficiais. Muitos só deveram a vida à intervenção dos representantes aliados, que entre tanto não tiveram alguns deles do fuzilamento... clandestino.

O regime do terror branco irritou desde começo as populações, mas todas as revoltas (três entre Novembro e Janeiro) foram esmagadas com crueldade inaudita. Foi esta dura lição que fez arrependem os socialistas moderados da sua política passada, afirmando os na sua maioria para a insurreição aberta e para a aliança com os bolcheviques.

O domínio de Koltchak na Sibéria nunca foi aliás, muito seguro nem muito extenso. Nas vastas regiões siberianas, mantem-se governos e influências de todos os felizes e cores, ora aliados ora rivais. Há territórios sob o domínio de Semenov, outros sob os dos japoneses, que aproveitam lindamente a situação; outros sob os dos checoslovacos (no Ural), e até functiona ainda, em pontos da Sibéria, alguns pontos do Exército Branco, continuando progredindo no sector do governo de Khorvat. Por outro lado, Slavianik, na direcção de Bantchevka,

A HUNGRIA E OS ALIADOS

Um apelo ao proletariado

Quando sobre a Hungria revolucionária se lançaram, ao mando da reacção internacional, a Roménia, a Iugoslávia e a Checoslováquia, com exércitos armados, mantidos e comandados pelos Aliados, todos julgaram irremediavelmente perdida a nova República socialista. E ao anunciar-se a rápida tomada de Budapest, não foi difícil acreditar...

Mas sobreviu um demorado silêncio, que reanimou as esperanças do operariado vermelho. Nenhuma notícia: boas notícias. Com efeito, anilhados do feroz revolucionário, os trabalhadores húngaros organizavam prontamente um ardente exército vermelho de 200.000 homens, que desbaratava e desmoralizava em todas as frentes os assaltantes, servos do imperialismo.

Perseguido os agressores em derrota, os vermelhos chegaram a penetrar na Eslováquia. E foi então que os Aliados, inspirados e organizados da agressão contra a República socialista, se lembraram de bradar a esta um «alto lá!» ameaçador!

Mas não acaou ninguém e a intimação energética dos Aliados devia ser endereçada aos três países assaltantes. Foi o que aconteceu Bela Kun numa nota aos Aliados, ao constar que estes iam convidar a Hungria à Conferência da Paz.

A República húngara dos Conselhos operários não alimenta intenções hostis a respeito de povo algum. Ela deseja viver em paz com todos, tanto mais que não se coloca no ponto de vista da integridade territorial. Ela não atacou a República checoslovaca, com a qual pretende viver em paz, conformando-se com as cláusulas da convenção militar de 13 de Novembro, respeitava as linhas de demarcação fixadas pelos Estados aliados. Viu, porém, com pesar que as tropas checoslovacas, iugoslavas e romenas, servindo-se do prestígio dos Aliados e infringindo o pacto de 13 de Novembro, fizeram irrupção no território da República húngara dos Conselhos operários. Estavam ameaçados de estrangulamento quando pegamos em armas, sob o império da necessidade suprema.

A nota diz em seguida que os agressores prosseguem nas hostilidades, mas a Hungria está pronta a cessá-las do seu lado, para que os Aliados possam impor o mesmo gesto aos seus protegidos. E termina propondo uma imediata conferência em Viena.

Clemenceau, porém, mandava logo desmentir o anunciado convite, de modo que os revolucionários húngaros, em matéria de auxílio exterior, têm que pôr a sua maior esperança no proletariado dos países da Entente, ao qual recentemente lançou um vibrante apelo a «Comissão das relações exteriores do partido socialista da Hungria».

Depois de apontar os crimes dos imperialismos diversos; depois de indicar a obra de socialização feita em dois meses pelos Conselhos operários húngaros; depois de mostrar que, na Rússia, todos os obstáculos à reorganização económica e à alimentação regular do povo procedem da guerra e do bloqueio.

Sursus corda!

o odioso recará, íntegro, sobre a empresa que os violentou.

Envia-nos um camarada que trabalhava no *Diário de Notícias* a carta abaixo inserta, que, por representar um protesto contra a atitude da empresa daquelle jornal, gostosamente publicamos:

Meus respeitos camaradas de *A Batalha*. — Tem esta por fim declará-lhes que, não concordando com as medidas tomadas para fazer sair o *Diário de Notícias*, jornal em que ultimamente trabalhava como *reporter*, hoje mesmo, e respectivo director, sr. dr. Augusto de Castro, notifiquei que me despedia.

Presumo-me de ser um antigo soldado das lutas sociais, um socialista convicto que, confiantemente, espera e trabalha por um futuro melhor.

De maneira alguma poderia, por consequência, sancionar com o meu silêncio e com a minha passividade um acto que profundamente feriu a minha consciência. Bem activamente, sem rebuço, mas com cortezia, expuz a minha opinião do sr. dr. Augusto de Castro, que, de justiça é confessado, me ouviu com a maior atenção e me procurou justificar as medidas tomadas, lametendo até a minha resolução e tendo palavras para a minha laldade e competência profissional que muito me sensibilizaram.

A minha atitude, como é de ver, apenas representa uma manifestação de protesto contra as violências do poder e uma demonstração de solidariedade para com os que, com a altivez comum aos homens dignos, defendem inteiramente os seus direitos, cumprindo os seus deveres de camaradas.

Mais de uma vez tenho defendido, de armas na mão, o regime actual, de maneira que não poderão assar-me, sem cometerem uma negra injustiça, o labeu de inimigo da República, que considero como uma *clape* necessária para a consequência de mais vastas e mais belas reivindicações sociais.

Seria para desejar que o meu exemplo frutificasse neste melo ingrato e comodista que caracteriza a imprensa burguesa, tanto mais que há lá muitos camaradas que sentem o peito arfantes violentamente por quererem gritar bem alto as suas opiniões, a que não se abalam no ambiente casereiro em que vegetam.

Agradecendo-lhes a publicação destas desarrazadas linhas, escritas com a mesma tensão nervosa de quem assiste a um crime repugnante, confesso-me camarada lá e agradecido, José J. Porto Júnior.

As greves

Marceneiros

A classe dos marceneiros continua apesar dos «truces» dos industriais, em greve. Até hoje são já em número de 14. Os industriais, que aderiram às reclamações dos grevistas contando-se nesse número alguns industriais que a Associação Industrial afirmou terem tomado o compromisso de a elas não acederem.

Ontem, reuniu a classe para apreciar a marcha do movimento, registando uma moção, no sentido de se entregar a solução do conflito à Federação Mobilíria. Hoje reúne novamente esta classe em sessão magna, às 17 horas.

Contra a acção anti-proletária

VIENA, 9. — O secretário da 3.ª Internacional, convida todas as suas secções e grupos aderentes, a realizar em 25 do corrente, comícios públicos para protestar contra a intervenção armada na Hungria e na Rússia. O convite estende-se à Europa e à América.

EM VERSALHES

Um violento incêndio destrói 100 aeroplanos

VERSALLES, 21. — Um incêndio cujas causas se desconhecem, mas que se julga casual, destruiu 18 aeroplanos do aeródromo de Saint Cyr. Perderam-se uns 100 aeroplanos, os prejuízos são calculados em 4 milhões. — H.

FINALMENTE!

Os deportados veem a Caminho

Acabamos de receber do camarada José Gomes Pereira Avante um telegrama datado de 22, expedido de S. Vicente de Cabo Verde, às 21,15, comunicando seguirem a bordo do «Zaire» para Lisboa os deportados da greve geral de Novembro.

